

CERÂMICA CAMPANIFORME DE VALE VISTOSO

(PORTO COVO — SINES)

por **Joaquina Soares**

e **Carlos Tavares da Silva**

1. O povoado pré-histórico de Vale Vistoso ocupa uma faixa de terreno quase plana com cerca de 400 metros de comprimento que se estende ao longo da falésia litoral e desce suavemente de Norte para Sul até atingir o Barranco do Queimado. A sua extremidade Norte (cota de aproximadamente 19 m.) situa-se a cerca de 650 m. para SSW do Fortim do Pessegueiro, a 2 100 m. para Sul de Porto Covo e a 16 km. para S.SE de Sines e tem as seguintes coordenadas hectométricas (Sistema de Quadrícula Militar Portuguesa) (1) :

$$\begin{array}{rcl} x & = & 141 \ 9 \\ y & = & 95 \ 4 \end{array}$$

Pertence ao concelho e freguesia de Sines, confinando a Sul com o concelho de Odemira (o Barranco do Queimado constitui o limite entre os dois concelhos). (Figs. 1, 2 e 3).

De um ponto de vista morfológico há a considerar duas zonas distintas (figs. 2, 3 e 4) :

— **Zona A.** — A de área menor, apenas com cerca de 50 metros de extensão, localiza-se na extremidade Norte da jazida ; possui cotas compreendidas entre 15 e 19 metros ; encontra-se coberta por espessa camada de areias dunares de formação recente que envolvem uma reentrância semi-circular aberta na falésia pela acção erosiva das ondas (2). Esta zona é o que resta de um pequeno promontório hoje muito destruído (Figs. 2, 3 e 4).

— **Zona B.** — Muito mais extensa (cerca de 350 m.), quase plana e com cotas

(1) **Carta Militar de Portugal**, folha 535, 1:25 000.

(2) A violenta acção do mar provoca a erosão das camadas de areias pleistocénicas sobre as quais assenta a duna consolidada wurmiana que, assim, se fractura em grandes blocos ; reside aqui a causa principal da destruição da estação arqueológica.

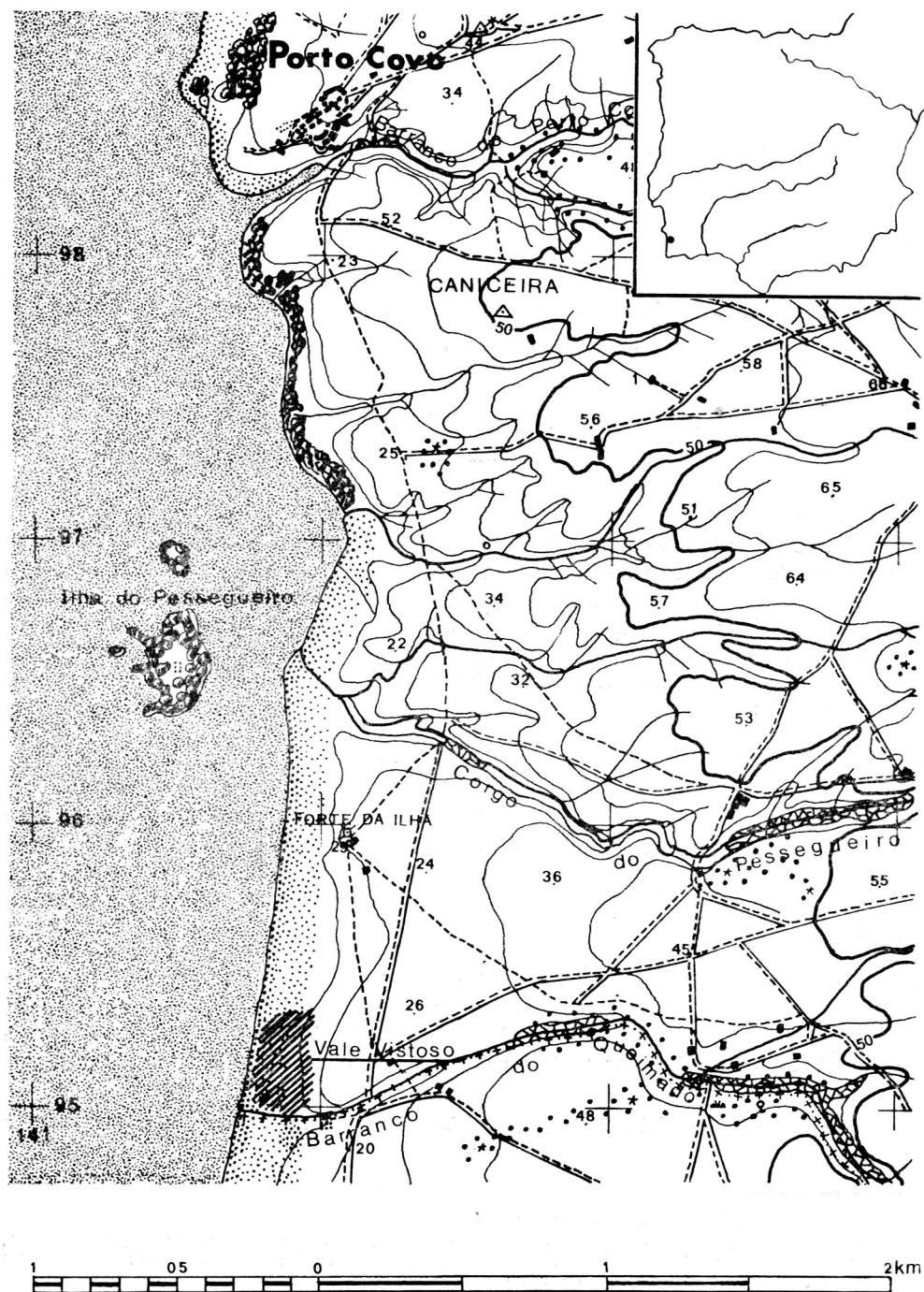


Fig. 1 — Localização do povoado pré-histórico de Vale Vistoso na carta de 1:25 000 e na Península Ibérica.

compreendidas entre 8 e 12 metros; as areias dunares recentes são aqui menos espessas e menos móveis e a linha de costa é sensivelmente rectilínea.

Também de um ponto de vista geológico existe uma diferenciação em duas zonas que coincidem aproximadamente com as de carácter morfológico. Na citada **Zona A** a ocupação humana assentou directamente sobre a duna consolidada wurmiana, enquanto na **Zona B**, onde a duna consolidada está ausente, se estabeleceu sobre formações arenosas esbranquiçadas do Pleistoceno. As espessas formações pleistocénicas repousam, por sua vez, sobre xistos do Carbónico.

2. A **Zona A** desta estação arqueológica foi assinalada, pela primeira vez, por Vitor de Oliveira Jorge (1973) que, em prospecções de superfície, recolheu fragmentos de cerâmica pré-histórica, tendo publicado a descrição de oito exemplares, dois dos quais campaniformes (decoração incisa).

Os autores, informados pela referida publicação, e no âmbito das actividades de pesquisa do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, visitaram o local, tendo verificado que a jazida não se limitava à área referida por V. de Oliveira Jorge mas se prolongava para Sul por uma extensão de mais 350 metros (**Zona B**). (Figs. 2 e 4).

Perante a progressiva e inexorável acção abrasiva a que está sujeito o local do povoado pré-histórico, decidiu-se proceder a trabalhos de escavação arqueológica em pontos situados junto à falésia e mais ameaçados de destruição.

Após quadrado o campo (ponto de coordenadas **O** localizado no canto **NW**. da jazida; eixos orientados segundo as direcções **N.** (mg). — **S.** e **E.** — **W.**), efectuou-se a abertura de 17 cortes (fig. 4) (3). Cada corte, designado por um número romano, foi dividido em quadrados de 2 m. de lado, designados por números árabes.

Os cortes **I** a **VIII** ocupam a **Zona A**, os cortes **XII** a **XVII** a **Zona B** e os cortes **IX** a **XI** situam-se numa zona intermédia.

Os materiais exumados e a estratigrafia observada nestes cortes indicam-nos que o local foi habitado primeiro por uma população neolítica portadora de cerâmica impressa, incisa e plástica e de uma indústria lítica de sílex marcada pela presença da lamela de dorso, da truncatura, do trapézio e do buril; e, numa época posterior, nos finais do Calcolítico, por uma população portadora de cerâmica campaniforme incisa.

Enquanto os vestígios neolíticos se distribuem pelas duas zonas anteriormente consideradas, a cerâmica campaniforme restringe-se unicamente à **Zona A** que, como dissemos, é a de cota mais elevada e se prolonga por um pequeno promontório (fig. 3).

Por ora, apenas daremos notícia da cerâmica campaniforme de Vale Vistoso, deixando para trabalho futuro o estudo integral da estação. Assim, atenderemos, somente, à estratigrafia da **Zona A**.

A estratigrafia observada nos cortes **I** a **VIII** é a seguinte, de cima para baixo (sucessão do perfil Este do **Corte III**):

(3) Não podemos deixar de assinalar a útil colaboração que nos foi prestada quer pelo Sr. Joaquim Vilhena durante a escavação, quer pelo Sr. Jorge Costa, do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, que desenhou a cerâmica.

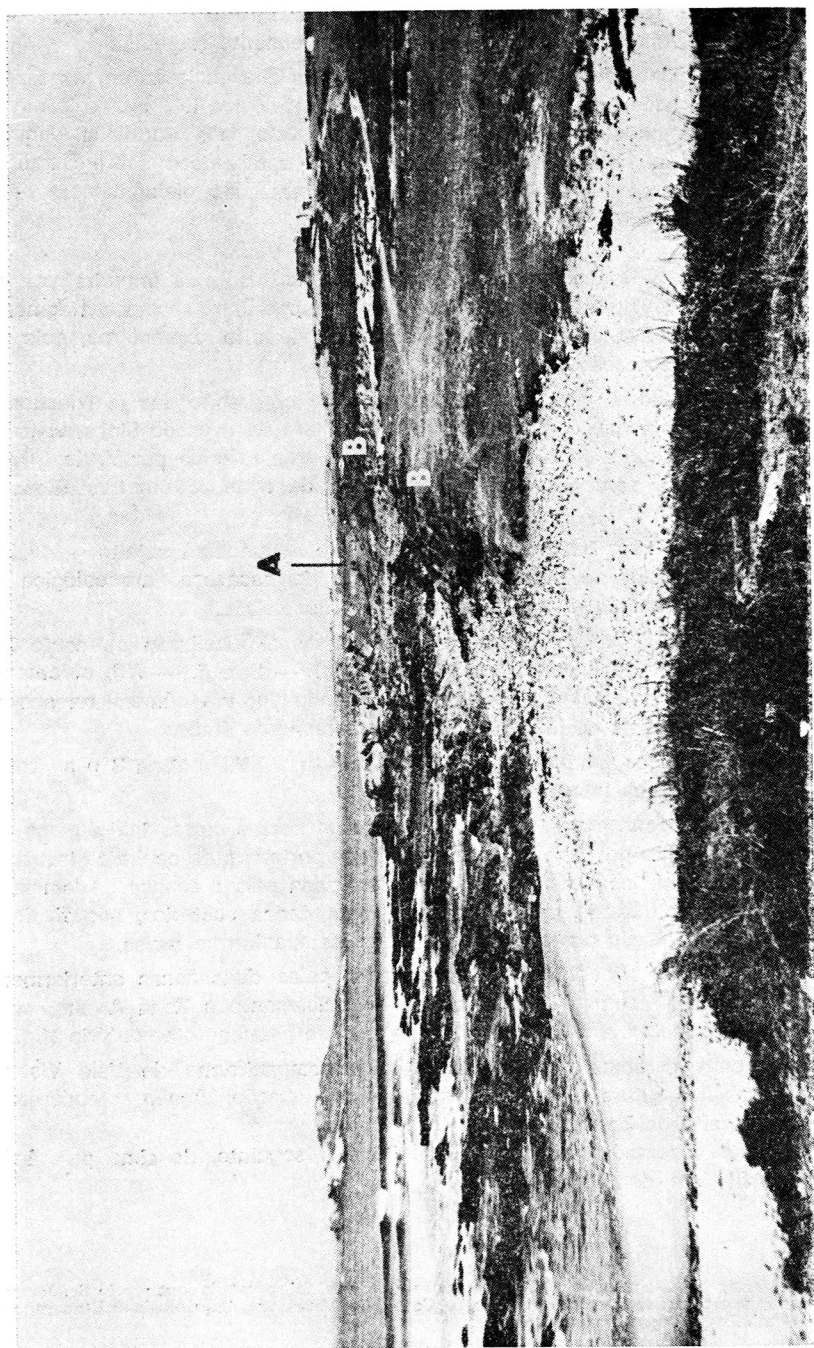


Fig. 2 — O local do povoado visto de sul, das proximidades da foz do Barranco do Queimado. A — zona A ; B — zona B.

- C. 1** — Da superfície à profundidade máxima de 1,70 m. Areia fina, eólica, de cor branca, muito solta (duna actual). Arqueologicamente estéril.
- C. 2** — Da profundidade máxima de 1,70 m. à profundidade máxima de 2,53 m. Areia fina, eólica, menos solta :
- **C. 2 a** — Da prof. máx. de 1,70 m. à prof. máx. de 1,98 m. Areia negra com abundantes raízes. Arqueologicamente estéril.
 - **C. 2 b** — Da prof. máx. 1,98 m. à prof. máx. de 2,23 m. Areia esbranquiçada, com menos raízes. Arqueologicamente estéril.
 - **C. 2 c** — Da prof. máx. de 2,23 m. à prof. máx. de 2,53 m. Areia negra. Escassos, pequenos e rolados fragmentos de cerâmica.
- C. 3** — Da prof. máx. de 2,53 m. à prof. máx. de 2,68 m. Areia castanho-amarelada média ; assenta directamente sobre a duna consolidada wurmiana lapializada e preenche a parte superior das cavidades do lapiás. Fragmentos soltos de duna consolidada. Maior número de fragmentos de cerâmica, menos rolados e de maiores dimensões que os da **C. 2 c**.
- C. 4** — Duna consolidada wurmiana.

A **C. 3** forneceu cerâmica campaniforme misturada com cerâmica da ocupação neolítica. Os fragmentos surgem em geral muito rolados e são quase sempre de pequenas dimensões. A poderosa acção eólica que se observa em Vale Vistoso e que, frequentemente, põe a descoberto a duna consolidada para, pouco tempo depois, a tornar a cobrir, poderia ter sido a causa principal dessa mistura. Além disso, há ainda a considerar que os cortes **I** a **VIII** teriam sido abertos numa zona periférica da área habitacional a qual se situaria sobre o pequeno promontório hoje destruído. Com efeito, o número de fragmentos por m². e as suas dimensões aumentavam, nos cortes, de Este para Oeste, isto é, progrediam com a aproximação do que resta do promontório.

3. O facto dos materiais das duas ocupações se encontrarem misturados levou-nos a apresentar nesta notícia somente o estudo da cerâmica caracteristicamente campaniforme.

Ocupar-nos-emos de 12 exemplares : 11 decorados e 1 liso (não são considerados alguns fragmentos de dimensões muito reduzidas). (Figs. 5 e 6).

Pasta compacta : 6 exemplares ; pouco ou semi-compacta : igualmente 6 exemplares. Os elementos não plásticos — e.n.p. — (quartzo) são frequentemente superiores a 1 mm. Em 2 exemplares (n.ºs 7 e 9) notam-se, na fractura, negativos de finos caules de vegetais (cerca de 1 mm. de diâmetro) que poderiam ter sido adicionados à argila para lhe quebrar a plasticidade.

A cor da maior parte dos exemplares revela uma cozedura realizada em ambiente redutor seguida de uma fase de arrefecimento em ambiente oxidante (M. de Bouard,

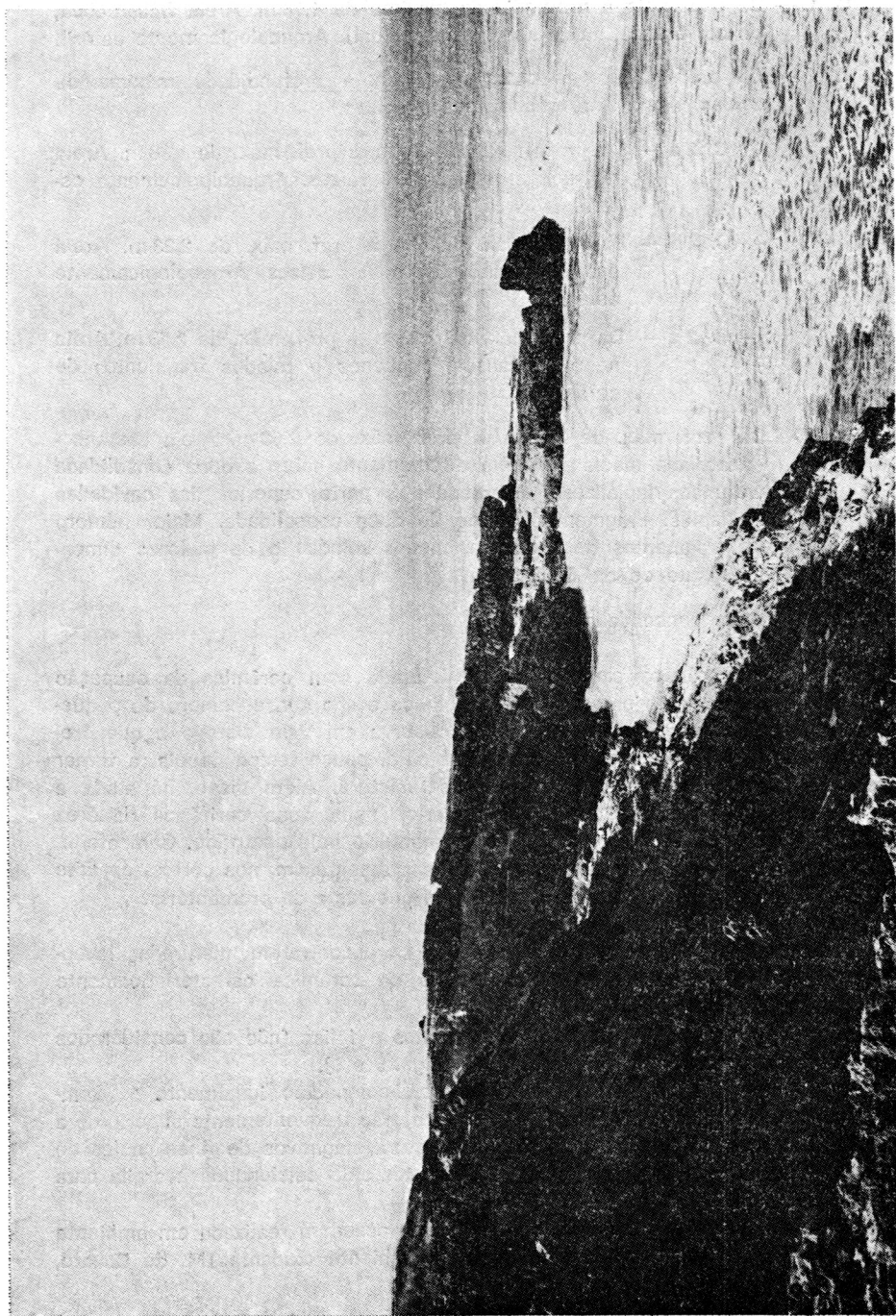
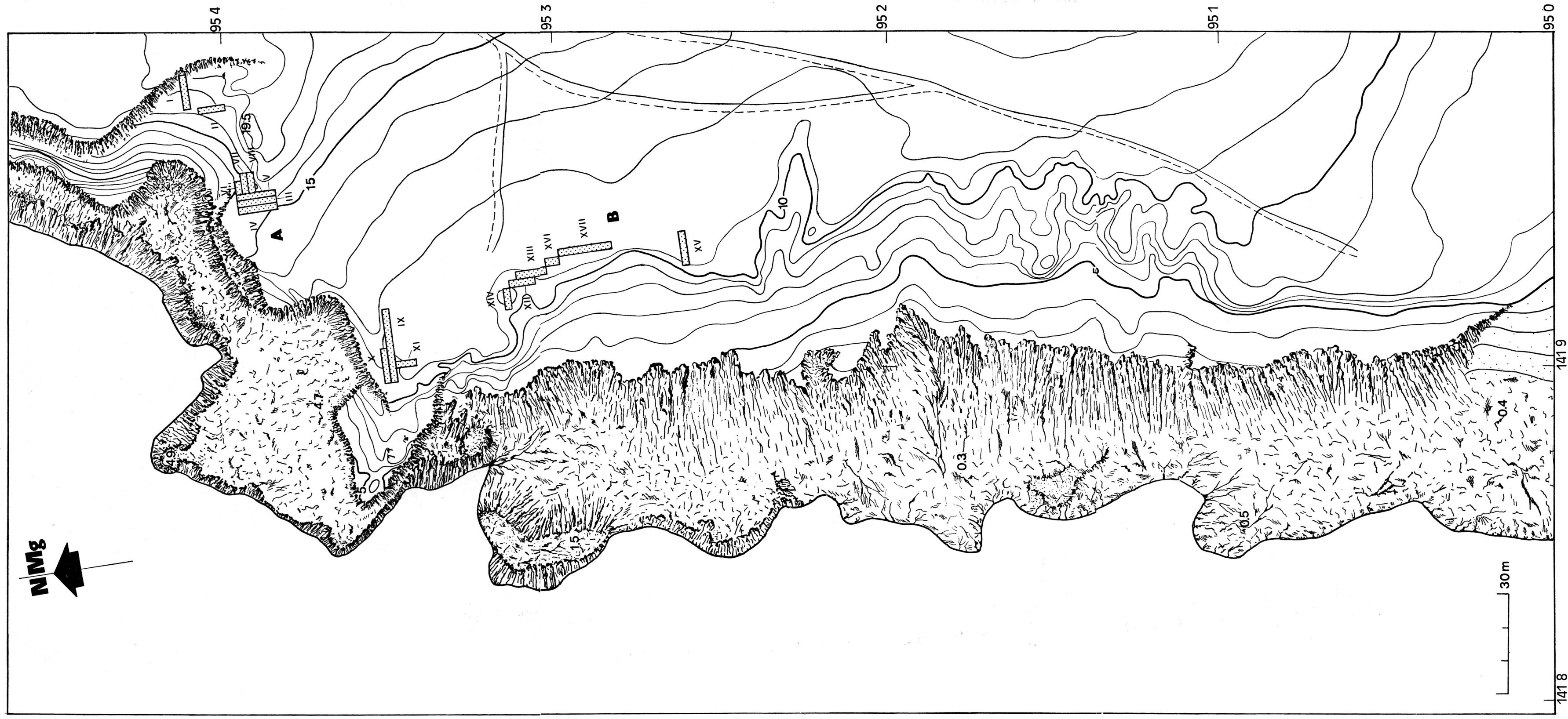


Fig. 3 — O que resta do esporão sobre o qual se teria estabelecido a ocupação campaniforme (visto de Norte).



1976) : 7 (n.º 1, 3, 4, 5, 8, 10 e 12) possuem a fractura com uma espessa zona intermédia acinzentada/negra e finas zonas superficiais castanho-avermelhadas (10 R 5/6, 10 R 4/6, 5 YR 4/4, 5 YR 6/6, 5 YR 2/1 (4)); 3 (n.ºs 2, 7 e 11) apresentam uma fina zona superficial externa castanho-avermelhada (10 R 4/6, 5 YR 4/4, 10 YR 7/4) e uma espessa zona superficial interna acinzentada/negra. Somente 1 exemplar (n.º 6) teria sido cozido em ambiente oxidante (cor das superfícies e da fractura totalmente acastanhadas — aprox. 5 YR 5/4) e 1 exemplar (n.º 9) em ambiente completamente redutor (superfícies e fractura totalmente acinzentadas/negras).

As superfícies encontram-se em geral erodidas, exceptuando as de 3 exemplares que se apresentam muito bem alisadas; notam-se ténues estrias horizontais de alisamento. De assinalar, ainda, a presença de um possível engobe castanho-escuro (5 YR 2/2) na superfície externa do n.º 5.

A decoração é exclusivamente incisa e situa-se sobre a superfície externa e, no caso da «taça tipo Palmela», também sobre o lábio. Principais motivos (por ordem decrescente de frequência) : faixa preenchida por xadrez; triângulos normais e invertidos preenchidos por traços oblíquos; séries de traços paralelos; faixa de traços oblíquos; faixa preenchida por «espinha»; faixa de ziguezague preenchida por traços oblíquos.

Identificaram-se as seguintes formas: taça em calote (n.º1), «taça tipo Palmela» com o espessamento interno do bordo muito acentuado e de perfil vincadamente triangular (n.º 3) e caçola carenada (n.º 6).

1 (5) — Fragmento com bordo. Taça em calote. Bordo recto (6), inclinado para o exterior, não espessado; lábio aplanado. Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Cor: superfícies castanho-alaranjadas claras (aprox. 5 YR 6/6); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia cinzenta escura (N3). Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: triângulos invertidos, imediatamente abaixo do lábio, preenchidos por traços oblíquos; faixa horizontal de triângulos invertidos e em posição normal preenchidos por traços oblíquos. Esp. 7-8 mm. Zona A, superf. Inv. V.V./6.

2 — Fragmento com bordo. Taça em calote (?). Bordo recto, inclinado para o exterior, não espessado; lábio aplanado. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Cor: superfície externa laranja-amarelada clara (10 YR 7/4); superf. interna cinzenta média (N4); fractura com fina zona superficial externa e espessa zona superficial interna da cor das respectivas superfícies. Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: faixa horizontal limitada por dois traços paralelos e preenchida por «espinha». Esp. 6-7 mm. Corte V; Quadr. 5; C. 3. Inv. V.V./6.

(4) **Rock-Color Chart**, The Geological Society of América, Boulder, Colorado, 1970.

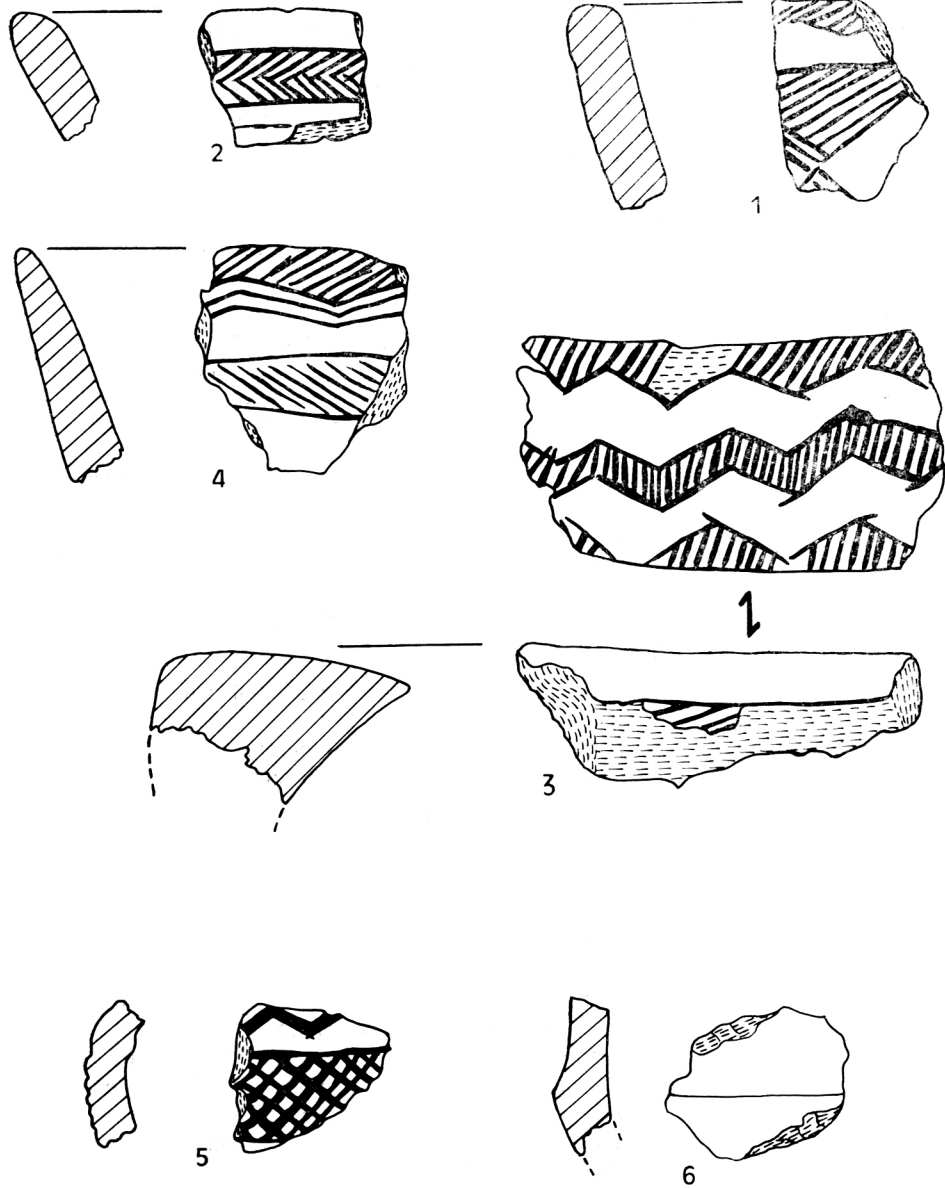
(5) Numeração presente nas respectivas figuras.

(6) O bordo é recto sempre que não exista mudança nítida de direcção em relação à parede do vaso. Pode ser recto vertical, recto inclinado para o exterior e recto inclinado para o interior.

- 3 — Fragmento com bordo. Taça larga de bordo espessado internamente («taça tipo Palmela»). Bordo ligeiramente inclinado para o interior, com espessamento interno de secção triangular (aresta muito vinçada); lábio aplanado. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Cor: superfícies castanhas médias (aprox. 5 YR 4/4); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia cinzenta escura (N3). Superfícies muito bem alisadas. Decoração incisa na superfície externa e sobre o lábio: os motivos da superfície externa são indeterminados; sobre o lábio existem triângulos preenchidos por traços oblíquos e verticais e uma faixa intermédia em ziguezague preenchida por traços ligeiramente oblíquos. Diâmetro ext. da boca ca. 460 mm.; D. int. da boca ca. 400 mm.; larg. do lábio 29 mm.; esp. da parede, indeterminada. Zona A, superf. Inv. V. V./12.
- 4 — Fragmento com bordo. Caçoila (?). Bordo recto, inclinado para o exterior, sem espessamento; lábio convexo. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) 1 mm. Superfícies castanho-alaranjadas claras (aprox. 5 YR 6/6); fractura com finas zonas da cor das superfícies e espessa zona intermédia cinzenta (N4). Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: faixa horizontal de triângulos invertidos preenchidos por traços oblíquos, e de traços em ziguezague, situada imediatamente abaixo do lábio; faixa horizontal de traços oblíquos, limitada por traços paralelos e horizontais. D. ext. da boca ca. 100 mm.; esp. 3-7 mm. Corte VII; Quadrado 3; C. 3. Inv. V. V./10.
- 5 — Fragmento sem bordo. Caçoila (?). Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm e escassos > 1 mm. Cor: superfície externa castanho-escura (5 YR 2/2) — englobe (?) —; superfície interna castanho-avermelhada média (10 R 5/6); fractura com fina zona superficial externa castanho-avermelhada média (10 R 5/6) imediatamente sob o engobe, fina zona superficial interna da cor da respectiva superfície e espessa zona intermédia cinzento-azeitona (5 Y 4/1). Superfícies erodidas; superfície externa com engobe (?). Decoração incisa na superfície externa: ziguezague horizontal e faixa horizontal limitada por dois traços paralelos e preenchida por xadrez. Esp. 5 mm. Zona A; superf. Inv. V.V./8.
- 6 — Fragmento sem bordo. Caçoila. Carena entre o colo e o bojo. Pasta compacta com alguns e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Cor das superfícies e da fractura castanha média (aprox. 5 YR 5/4). Superfícies erodidas. Sem decoração Esp. 4-7 mm. Corte III; quadrado 6; C. 3. Inv. V.V./7.
- 7 — Fragmento sem bordo. Forma geral indeterminada. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm.;

negativos de finos (ca. de 1 mm. de diâmetro) caules visíveis na fractura. Cor: superfície externa castanho-avermelhada média (10 R 5/6); superfície interna cinzento-azeitona (5 Y 4/1) com manchas laranja-amareladas claras (10 YR 7/4); fractura com fina zona superficial externa e espessa zona superficial interna da cor das respectivas superfícies. Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: traços horizontais e traços oblíquos Esp. 12 mm. Corte III; Quadrado 2; C. 3. Inv. V.V./5.

- 8 — Fragmento sem bordo. Forma geral indeterminada. Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Superfícies castanho-alaranjadas claras (aprox. 5 YR 6/6); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia cinzenta (N4). Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: traços paralelos e horizontais irregulares e traços paralelos e oblíquos. Esp. 5 mm. Zona A; superf.. Inv. V.V./4.
- 9 — Fragmento sem bordo. Forma geral indeterminada. Pasta pouco compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm.; fractura com negativos de finos (ca. 1 mm. de diâmetro) caules. Cor das superfícies e da fractura acinzentadas. Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: faixa horizontal limitada por dois traços paralelos e preenchida por xadrez. Esp. 5-7 mm. Zona A; superf.. Inv. V.V./3.
- 10 — Fragmento sem bordo. Forma geral indeterminada. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) até 1 mm. e escassos > 1 mm. Cor: superfícies castanho-amareladas (aprox. 10 YR 5/4); fractura com finas zonas superficiais da cor das superfícies e espessa zona intermédia castanho-negra (aprox. 5 YR 2/1). Superfícies erodidas. Decoração incisa na superfície externa: faixa horizontal limitada por dois traços paralelos e preenchida por xadrez. Esp. 5-7 mm. Corte III; quadrado 3; C. 3. Inv. V.V./1.
- 11 — Fragmento sem bordo. Forma geral indeterminada. Pasta semi-compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Cor: superfície externa castanha média (aprox. 5 YR 4/4); superf. interna cinzento-acastanhada escura (aprox. 5 YR 3/1); fractura com fina zona superficial externa e espessa zona superficial interna da cor das respectivas superfícies. Superfícies muito bem alisadas com ténues estrias horizontais de alisamento na superfície externa. Decoração incisa na superfície externa: triângulos preenchidos por traços oblíquos e paralelos. Esp. 6-7 mm. Zona A; superf.. Inv. V.V./2.
- 12 — Fragmento sem bordo. Forma geral indeterminada. Pasta compacta com abundantes e.n.p. (quartzo) > 1 mm. Cor: superfície externa castanho-avermelhada escura (aprox. 10 R 3/6); superf. interna castanha média (aprox. 5 YR 4/4); fractura com finas zonas superficiais



Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso.

da cor das respectivas superfícies e zona intermédia negra. Superfícies muito bem alisadas; ténues estrias horizontais de alisamento na superfície interna. Decoração incisa na superfície externa: larga faixa horizontal de triângulos, alternadamente invertidos e em posição normal, preenchidos por traços oblíquos. D. máx. ca. 400 mm.: esp. 7-8 mm. Zona A; superf.. Inv. V.V./11.

4. A presente cerâmica reveste-se de grande interesse não só porque marca o ponto mais meridional do País com campaniforme, como também, e muito especialmente, porque, sendo a sua decoração exclusivamente incisa, vem corroborar a hipótese por nós defendida (Soares, J. e Tavares da Silva, C., 1975) de o Horizonte Campaniforme português, ao contrário de se identificar com um único grupo («Grupo de Palmela»), como até há pouco era admitido, ser a expressão mais geral de, pelo menos, três grupos: o Internacional, o de Palmela e o Inciso. Havíamos, com efeito, já notado que a cerâmica campaniforme incisa ocorre preferencialmente, ainda que muitas vezes misturada com a pontilhada, nas grutas naturais da Estremadura (Soares, Barbieri e Tavares da Silva, 1972) e que é quase exclusiva no povoado de Montes Claros (Jalhay e Paço, 1948). Observou-se também a sua presença no interior do Alentejo (Barrada do Grilo e Casas do Canal⁽⁷⁾) e ao longo da faixa litoral para Sul do Sado (Pedra Branca, Melides, e, agora, Vale Vistoso) onde aparece não misturada com cerâmica campaniforme pontilhada.

Por outro lado, verifica-se que a temática decorativa do campaniforme inciso português se diferencia da do pontilhado e apresenta muitos pontos de contacto com a da Meseta. No que se refere às formas dos recipientes incisos, é muito frequente a caçoila carenada associada a uma forma autóctone, a **taça larga de bordo espessado internamente** também comum ao que designamos por «Grupo de Palmela»; de notar que esta taça, quando possui decoração incisa, tem, frequentemente, o espessamento interno do bordo muito acentuado e de secção triangular, ou seja, formando uma vincada aresta com o interior⁽⁸⁾.

(7) O campaniforme das Casas do Canal parece corresponder a um prolongamento do Grupo da Meseta.

(8) Um de nós (J. S.) procede, neste momento, com o apoio do Departamento de Informática do Gabinete da Área de Sines, ao estudo estatístico da temática decorativa e das formas da cerâmica campaniforme portuguesa e da Meseta.

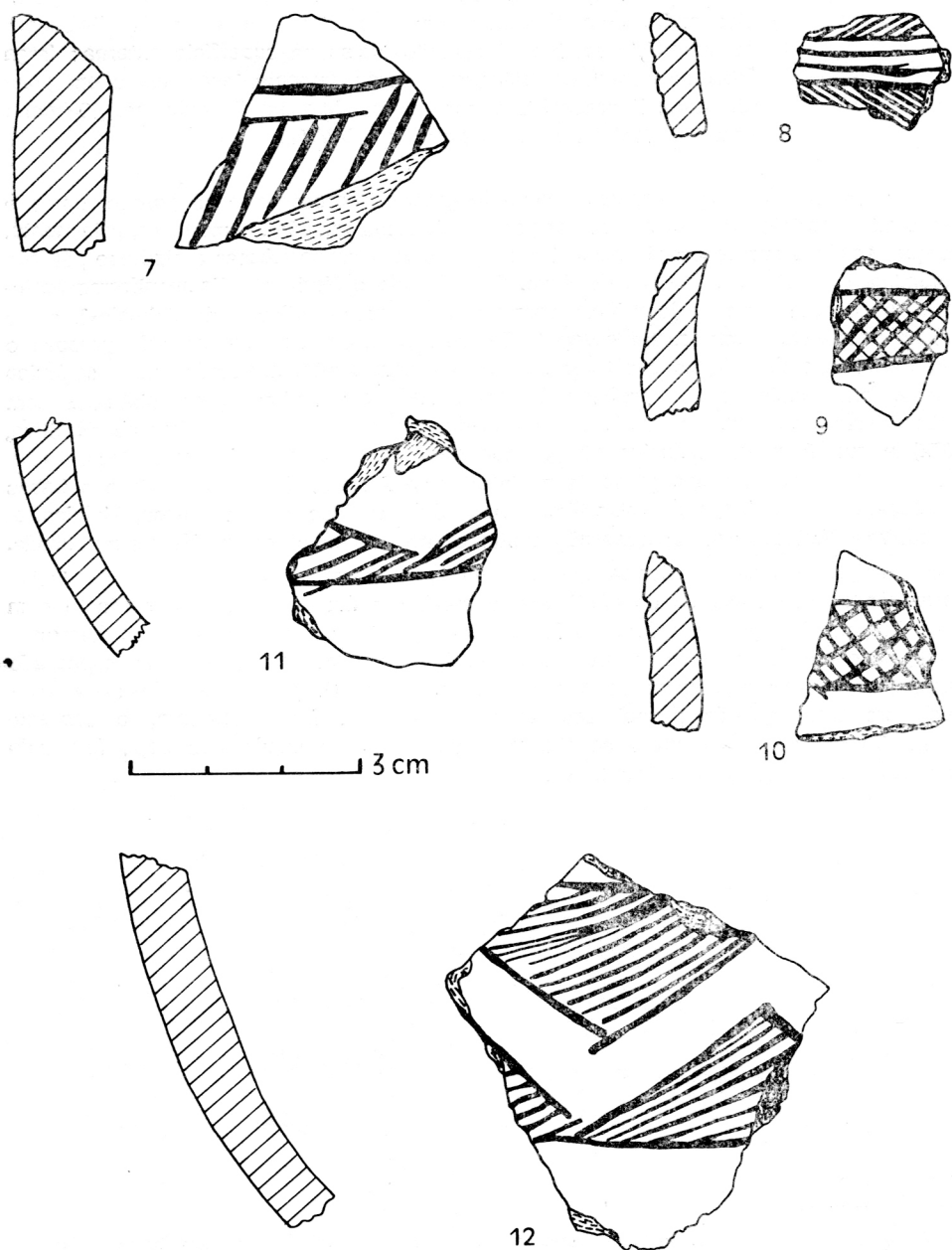


Fig. 6 — Cerâmica campaniforme de Vale Vistoso.

RÉSUMÉ

Le site préhistorique de Vale Vistoso s'étend sur une aire presque plane d'à peu près 400 mètres de long surmontant la falaise littorale. Il se situe à l'extrémité sud de la commune de Sines, dans un milieu sableux.

Le gisement a été occupé pendant le Néolithique de tradition ancienne et, sur une aire plus restreinte (plus élevée et avec à peu près 50 mètres de long) aussi par une population utilisant la céramique campaniforme qui est le sujet de cette étude.

Le gisement a été victime de l'action érosive de la mer. Celle-ci a déjà détruit la partie la plus importante de l'habitat campaniforme qui se situait sur un petit éperon.

La dune consolidée wurmienne a été mise à découvert fréquemment par l'action des vents. Ceux-ci ont mêlé les vestiges archéologiques des deux occupations humaines. De ce fait nous n'avons considéré que la céramique campaniforme à cause de sa valeur typologique.

Nous avons récolté 12 tessons de céramique campaniforme ; 11 décorés et 1 lisse. La pâte est toujours dégraissée au quartz ; la taille des grains dépassant 1 mm. La teinte de la plupart des tessons révèle une cuisson en atmosphère réductrice et une période de refroidissement en atmosphère oxydante. Dans un seul cas, la cuisson aurait été en atmosphère totalement oxydante et dans un autre en atmosphère tout à fait réductrice. La technique décorative utilisée est exclusivement l'incision. La décoration occupe toujours la surface extérieure des tessons et la lèvre d'une coupe du type Palmela. Les formes trouvées sont : la coupe en calotte, la coupe du type Palmela (coupe à bord épaissi à l'intérieur, dont la lèvre, plate et décorée, forme avec la paroi intérieure une arête vive et saillante) et l'écuelle carénée.

L'intérêt de cet emplacement campaniforme réside dans le fait que l'on ne trouve que de la céramique à décor incisé, ce qui renforce l'hypothèse que nous défendons de la division de l'Horizon Campaniforme portugais en trois groupes : International, Palmela et Incisé. L'isolement du Groupe Incisé que nous avons décelé en 1972 à Barrada do Grilo (Torrão) se trouve aussi à Vale Vistoso.

Vale Vistoso marque en ce moment l'avancée «campaniforme» la plus méridionale sur le territoire portugais.

BIBLIOGRAFIA

- BOUARD, M. de 1976, La céramique de Doué-la-Fontaine (IX-XIs.), «Archéologie Médiévale», VI, Caen.**
- FARINHA DOS SANTOS, M., SOARES, J. TAVARES DA SILVA, C., 1972, Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão — Vale do Sado) «O Arqueólogo Português», VI (S. III), Lisboa.**
- JALHAY, E. e PAÇO, A. do, 1948, Lisboa há 4 000 anos. A estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), «Lisboa e Seu Termo», I, Lisboa.**
- JALHAY, E., PAÇO, A. do e RIBEIRO, L., 1944, Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto), «Revista Municipal», 20-21, Lisboa.**
- JORGE, V. de O., 1973, Novas estações pré-históricas do litoral de Porto Covo (Sines): notícia preliminar, «Actas das II Jornadas Arqueológicas», I, Lisboa.**
- LEISNER, G. e V., 1955, «Antas nas herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz», Instituto de Alta Cultura, Lisboa.**
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1975, A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal, «Setúbal Arqueológica», I, Setúbal.**
- SOARES, J., BARBIERI, N. e TAVARES DA SILVA C., 1972, Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo — Palmela), «Arqueologia e História», IV (9.ª S.), Lisboa.**
- VEIGA FERREIRA, O. da, ZBYSZEWSKI, G., LEITÃO, M., NORTH, C. T. et REYNOLDS DE SOUSA, H., 1975, Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides), «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», LIX, Lisboa.**